

A PROFISSÃO DE FÉ DE TOMÉ (Jo 20,28) E SUA BASE VETEROTESTAMENTARIA (SI 35,23).

Waldecir Gonzaga doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma, Itália) e pós-doutorado pela FAJE (Belo Horizonte, Brasil), Diretor e Professor de Teologia Bíblica do Departamento de Teologia da PUC-Rio. Criador e líder do Grupo de Estudos Análise Retórica Bíblica Semítica, credenciado junto ao CNPq.

E-mail: waldecir@hotmail.com

André Pereira Lima mestrando em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). Membro do Grupo de Estudos Análise Retórica Bíblica Semítica, credenciado junto ao CNPq.

E-mail: padreandrelima@gmail.com

RESUMO

Entre os vários *corpora* do Novo Testamento, que conta com 27 livros, especial destaque merece o *corpus* joanino, por ser o único que compreende vários gêneros literários: evangelho, cartas e apocalipse. O Evangelho de João, com suas diferenças de estilo, simbologia, cronologia, geografia, vocabulário e de teologia, oferece um relato pontual das aparições do ressuscitado. Anuncia aos futuros crentes a ressurreição e a forma de se relacionar com o Ressuscitado no seio da Igreja, como parte essencial da pregação do Evangelho e da própria formação da comunidade. Em Jo 20 encontra-se a narrativa da ressurreição com uma das duas conclusões do Evangelho. Em seu núcleo, acha-se a delegação aos discípulos feita por Jesus, dando-lhes uma missão como continuação da obra iniciada por ele na história, rodeado por narrativas de aparições do Senhor ressuscitado à Maria Madalena, aos Apóstolos sem e com Tomé. Ao ter presente, de forma especial, a confissão de fé de Tomé (Jo 20,28) e as aparições do ressuscitado, dentro do bloco temático da ressurreição do Senhor, em Jo 20,1-31, o estudo analisa a profissão de fé de Tomé e sua base veterotestamentária, a partir do SI 35(34),23, utilizando o processo da análise da crítica textual, dos verbos e dos seus movimentos, tanto nos âmbitos semânticos e morfológicos, como também junto aos elementos retóricos, a partir do emprego do método da Análise Retórica Bíblica Semítica, por seus aspectos linguísticos e frutos para a exegese bíblica. O estudo conta com: Introdução, Segmentação e tradução da perícopes Jo 20,24-29; Estrutura de Jo 20,24-29 à luz da Análise Retórica Bíblica Semítica; Uso do SI 35,23 em Jo 20,24-29; A perícopes Jo 20,24-29; Localização no bloco temático da ressurreição; Comentário exegético-teológico de Jo 20,24-29; Considerações Finais e Referências Bibliográficas.

Palavras-chave: Evangelho de João. Profissão de Fé. Tomé. Senhor. Deus.

ABSTRACT

Among the various *corpora* of the New Testament, which contains 27 books, the Johannine *corpus* especially deserves to be highlighted, as it is the only one that comprises several literary genres: gospel, letters and apocalypse. John's Gospel with its differences in style, symbology, chronology, geography, vocabulary and theology offers an account of the appearances of the Risen Jesus. It announces to future believers the resurrection and the way of relating to the Risen One within the Church, as an essential part of the preaching of the Gospel and of the community itself. In John 20 it finds the resurrection narrative with one of the two conclusions of the Gospel. At its core is the delegation to the disciples made by Jesus, giving them a mission as a continuity of the work begun by him in history, surrounded by narratives of apparitions of the risen Lord to Mary Magdalene, to the Apostles without and with Thomas. Bearing in mind, in a special way, the confession of faith of Thomas (Jn 20:28) and the appearances of the Risen One, within the thematic block of the resurrection of the Lord, in Jn 20:1-31, the study analyzes the profession of faith of Thomas and its Old Testament basis, from Ps 35(34):23, using the process of analysis of textual criticism, of verbs and their characterizations, both in the semantic and morphological scopes, as well as together with the rhetorical elements, from the use of the method of Semitic Biblical Rhetorical Analysis, for its linguistic aspects and fruits for biblical exegesis. The study has: Introduction, Segmentation and translation of the pericope Jn 20:24-29; Structure of Jn 20:24-29 in the light of Semitic Biblical Rhetorical Analysis; Use of Ps 35:23 in Jn 20:24-29; The pericope Jn 20:24-29; Location in the resurrection themed block; Exegetical-Theological Commentary on Jn 20:24-29; Final Considerations and Bibliographic References.

Keywords: Gospel of John. Profession of faith. Thomas. Lord. God.

Introdução

O Novo Testamento (NT) em seu conjunto é constituído pelo *corpus* sinótico (três evangelhos), Atos dos Apóstolos, *corpus* paulino (treze cartas), *corpus* católico (sete cartas), carta aos Hebreus e o *corpus* joanino (um evangelho, três cartas e um Apocalipse), em um total de 27 livros canônicos. João destaca-se por ser o único autor a possuir um evangelho em um formato de narrativa realista, com cartas em prosas expositiva e exortativa e o Apocalipse em visões e audições (GONZAGA, 2020, p. 681-682). Na ordem do cânon do NT, o Evangelho de João é colocado logo após os Sinóticos, mesmo que se constate uma “enorme diferença de estilo, simbologia, cronologia, geografia, vocabulário e de teologia” (GONZAGA, 2020, p. 681-684) em relação aos outros três Evangelhos, a partir do critério do gênero literário (evangelho).

Dentre os relatos da ressurreição contidos nos Evangelhos, ressalta-se o relato do evangelista João, em que parece provocar no leitor-ouvinte uma disposição para percorrer um caminho de fé, que crendo firmemente, pode viver o discipulado do Senhor em uma prática da bem-aventurança de crer sem ver (Jo 20,29). Isto porque, como apresentado no Evangelho, não é mais possível obter um contato físico com o ressuscitado nem mais ver qualquer aparição de Jesus (RAMOS, 2006, p. 326). Um olhar comparativo entre os Evangelhos faz perceber que são evidentes as suas diferenças e seus detalhes sobre a narrativa da ressurreição. Há uma possibilidade de que o material fonte do autor tenha sido outro, distinto dos Sinóticos, apesar de uma parte deste conteúdo ser histórico e conter semelhanças: “o que os cristãos joaninos consideravam ser uma tradição que tinha vindo de Jesus, parece ter sido aceito por muitos outros cristãos como uma variante aceitável da tradição que eles tinham de Jesus” (BROWN, 1999, p. 95). Além do mais, enquanto os Sinóticos expõem Jesus que vai ao encontro dos mais necessitados e excluídos, pelo anúncio do Reino de Deus, João evidencia a revelação da glória do Filho de Deus (MARGUERAT, 2009, p. 439) que ocorre, de forma plena, na cruz (Jo 20,30: “τετέλεσται/*está consumado*”).

As narrativas pascais escritas referem-se à descoberta, pelos discípulos, do sepulcro vazio e, também, da verificação de algumas aparições do ressuscitado. A partir destas averiguações, ocorre uma possibilidade de ter acontecido reelaborações de fatos históricos e até de temas teológicos conhecidos da tradição sinótica, a qual

demonstra um interesse apologético e teológico da ressurreição. Isto exprime que a ressurreição de Jesus está no centro da vida comunitária, tendo sido o fator originante da mesma, ao dispor de um interesse histórico da fé (ZEVINI, 1996, p. 208-209) para sua constituição e manutenção.

O Evangelho de João “oferece um relato pontual das aparições do ressuscitado a distintos fiéis durante um período” (PÉREZ MILLOS, 2019, p. 1741) de tempo relativo à primeira geração de fiéis (apostólica), tendo repercussões futuras. A última parte do Evangelho trata da tradição pascal, contudo na visão e na interpretação joaninas. Isto é decorrente de uma tendência, na Igreja primitiva, da formação do “κήρυγμα/*kerygma*”, em que este unificava a Paixão à Ressurreição do Senhor. Por sua vez, João possui uma marca específica em sua narrativa, graças à sua concepção pessoal sobre a ressurreição. Segundo Schnackenburg, “as histórias do capítulo 20 contém enunciados importantes para os futuros crentes e posto no fim do seu evangelho colocou o propósito a todos (20,31)” (SCHNACKENBURG, 1981, p. 492). Soma-se a isto, que a Igreja, desde os seus primórdios, inicia um processo de elaboração de fórmulas para expressar a grande verdade da ressurreição, por meio de confissões de fé e de hinos, em razão da ressurreição de Jesus consistir na parte essencial da pregação do Evangelho e da própria formação da comunidade.

Jo 20,1-31 constitui-se em um texto privilegiado para a fé cristã, visto que traz a narrativa da ressurreição e uma das duas conclusões do próprio Evangelho. Em seu núcleo, encontram-se alguns pontos importantes para a compreensão da profissão de fé de Tomé: a delegação aos discípulos feita por Jesus, as aparições do Senhor ressuscitado à Maria Madalena e aos apóstolos sem e com Tomé. Contudo, ao contrário do que se pensa, “os evangelistas canônicos não descrevem a ressurreição, mas indicam a vitória sobre a cruz como caminho para encontrar o ressuscitado, sendo a ressurreição de Jesus o centro da nossa fé” (ORLANDO, 2022, p. 287). E, por sua vez, as aparições do ressuscitado “não são acontecimentos sucessivos àquele da cruz, mas são interpretações salvíficas do evento da cruz” (ORLANDO, 2022, p. 288). A fé torna-se objeto dos relatos da ressurreição e isto também é visto no Evangelho de João. Zumstein, ao realizar uma abordagem sincrônica do capítulo 20, interpreta “o capítulo como caminho da fé para os leitores, onde, na narrativa, o tema é a fé pascal” (ZUMSTEIN, 2017, p. 450). Corroborando com este processo, o fato de que na composição narrativa, as memórias dos eventos individuais são colocadas

no relato de forma conexas às ações de Jesus que “refletem contos primitivos de tradição pré-joanina” (BEASLEY-MURRAY, 1999, p. 367).

Ao ter presente a confissão de fé de Tomé dentro do bloco temático da ressurreição do Senhor (Jo 20,1-31) e suas aparições neste capítulo, o estudo analisa, dentre outras confissões de fé presentes no IV Evangelho, a profissão de fé de Tomé (Jo 20,28) e sua base veterotestamentária, a partir do Sl 35(34),23. Para tanto, o estudo oferece segmentação e tradução da perícopa Jo 20,24-29, sua estrutura à luz da Análise Retórica Bíblica Semítica; uma análise de seu uso provável do Sl 35(34),23; sua localização no bloco temático da ressurreição; e um comentário exegético-teológico.

1 Segmentação e tradução de Jo 20,24-29

Θωμᾶς δὲ εἷς ἐκ τῶν δώδεκα, ὁ λεγόμενος Δίδυμος,	24a	Porém, Tomé, um dos Doze, o chamado Dídimos
οὐκ ἦν μετ' αὐτῶν	24b	não estava com eles ¹
ὅτε ἦλθεν Ἰησοῦς.	24c	quando veio Jesus
ἔλεγον οὖν αὐτῷ οἱ ἄλλοι μαθηταί	25a	Diziam-lhe, então, os outros discípulos
ἑώρακαμεν τὸν κύριον.	25b	vimos o Senhor
ὁ δὲ εἶπεν αὐτοῖς	25c	Porém, ele disse-lhes
ἐὰν μὴ ἴδω ἐν ταῖς χερσὶν αὐτοῦ τὸν τύπον ² τῶν ἥλων	25d	se eu não vir nas mãos dele a marca dos pregos
καὶ βάλω τὸν δάκτυλόν μου εἰς τὸν τύπον τῶν ἥλων	25e	e colocar o meu dedo na marca dos pregos
καὶ βάλω μου τὴν χεῖρα εἰς τὴν πλευρὰν ³ αὐτοῦ,	25f	e colocar minha mão no lado dele
οὐ μὴ ⁴ πιστεύσω.	25g	de forma alguma creerei
Καὶ μεθ' ἡμέρας ὀκτὼ πάλιν ἦσαν ἔσω οἱ μαθηταί αὐτοῦ καὶ Θωμᾶς μετ' αὐτῶν.	26a	E oito dias depois, dentro ⁵ , de novo estavam os discípulos dele e Tomé (estava) com eles.
ἔρχεται ὁ Ἰησοῦς τῶν θυρῶν κεκλεισμένων	26b	Vem Jesus (estando) as portas fechadas
καὶ ἔστη εἰς τὸ μέσον	26c	e ficou de pé no meio
καὶ εἶπεν· εἰρήνη ὑμῖν.	26d	e disse: paz convosco.
εἶτα λέγει τῷ Θωμᾶ	27a	Então, diz à Tomé

¹ Para manter a estrutura do caso genitivo, a tradução mais apropriada seria “no meio deles”. Contudo, a fim de manter a lógica do v.26a, prefere-se a expressão “com eles”.

² A expressão aqui é “τὸν τύπον/a marca” e não “τόν τόπον/o lugar”.

³ A expressão “τὴν πλευρὰν/o lado” também ocorre em Jo 19,34, quando Jesus é ferido em seu lado por um dos soldados na crucifixação. E o mesmo vocábulo é usado em Gn 2,21-22 (LXX), para referir-se ao lado (costela) de Adão para o surgimento de Eva.

⁴ A expressão οὐ μὴ possui um caráter enfático negativo, reforçando ainda mais a negação: certamente não, de forma alguma, absolutamente não, etc.

⁵ Faz referência clara à expressão “as portas fechadas”, constante nos vv.19.26b.

φέρε ⁶ τὸν δάκτυλόν σου ὧδε	27b	traze o teu dedo aqui
καὶ ἴδε τὰς χεῖράς μου	27c	e vê a minha mão
καὶ φέρε τὴν χεῖρά σου	27d	e traze a tua mão
καὶ βάλε εἰς τὴν πλευράν μου,	27e	e coloque no meu lado,
καὶ μὴ γίνου ἄπιστος ἀλλὰ πιστός.	27f	e não sejas incrédulo ⁷ , mas crédulo.
ἀπεκρίθη Θωμᾶς	28a	Respondeu Tomé
καὶ εἶπεν αὐτῷ· ὁ κύριός μου καὶ ὁ θεός μου.	28b	E disse-lhe: meu Senhor e meu Deus.
λέγει αὐτῷ ὁ Ἰησοῦς	29a	Disse-lhe Jesus
ὅτι ἐώρακάς με	29b	porque me viste
πεπίστευκας;	29c	creste
μακάριοι οἱ μὴ ἰδόντες	29d	Bem-aventurados os que não viram
καὶ πιστεύσαντες.	29e	e creram.

Notas de crítica textual:

No v.24c, ocorre uma inserção da palavra “Ἰησοῦς/*Jesus*” em A K L W Γ Δ Θ Ψ 050.078 f^{1.13} 33. 565. 700. 892^s. 1241. 1242. / 844 𐞂; o que é insustentável diante dos manuscritos que trazem essa variante (Ⲕ⁵ & B D), que são de maior peso, eliminando a dúvida já pelos critérios da crítica externa (GONZAGA, 2015, p. 220-221); concordando, então, com a opção tomada por NA28, visto que a regra é: “os manuscritos devem ser pesados e não contatos” (GONZAGA, 2015, p. 222), ou seja, não é a quantidade de manuscritos e sim sua autoridade para o julgamento, como a antiguidade e origem;

No v.25b, nos manuscritos N f q sy^{s.(p)} ocorre uma substituição (maior) de “τὸν τύπον/*a marca*” por “τον τοπον/*o lugar*”; e nos manuscritos Ⲕ^{66vid} 565 sa ly há uma variação dos termos do singular para o plural, “τους τυπους/*os lugares*”; essas duas variações são insustentáveis diante do fato de que os demais manuscritos trazem a leitura “τὸν τύπον/*a marca*” e no singular; concorda-se, então, com a NA28;

No v.25e, há uma inversão (transposição) na ordem das palavras em um ou mais manuscritos pelo termo “τὸν δάκτυλόν/*o dedo*”, em 𐞂 D L W 33; há também uma substituição (maior) dos termos “τὸν τύπον τῶν ἥλων/*a marca dos pregos*” por “τον τοπον των ηλων/*o lugar dos pregos*”, em A Θ 078 lat sy^{(s).h} (sobre a marca dos pregos/no lugar dos pregos). Tendo em vista os critérios da crítica externa e da crítica interna, concorda-se que a melhor opção é manter a expressão “τὸν τύπον τῶν ἥλων/*a marca dos pregos*”, como indica a NA28;

⁶ O verbo φέρε, no v.27bd, pode ser traduzido pelo verbo estender (estende).

⁷ Outra possibilidade de tradução também seria: “e não sejas incrédulo, mas fiel”; porém, o contexto de profissão de fé parece ser mais propício para intrédulo e crédulo, visto que conserva melhor o campo semântico do crente e do não crente.

No v.25f, no manuscrito \aleph^* ; a expressão “μου τὴν χεῖρα/*a minha mão*” é substituída (var) por “τὴν χεῖραν αὐτου/*a mão dele*”; porém, a variante “μου τὴν χεῖρα/*a minha mão*” é apoiada (txt) por \aleph^2 B D K L N W Γ Δ Ψ $f^{1.13}$ 33. 565. 700. 892^s. 1241. 1424 \aleph pbo bo; pode ocorrer, também, uma variação com a inversão de termos para “τὴν χεῖραν μου/*a minha mão*”, em A K N Γ Δ Θ Ψ 078 f^{13} 565. 700. 892^s. 1241. 1424. / 844 \aleph ; uma outra leitura traz apenas “τὴν χεῖρα/*a mão*”, em f^1 ; e uma outra variação para “μου τας χεῖρας/*de minha mão*”, em D bo^{mss} nos (txt) \aleph B L W. Analisando as várias possibilidades, com o peso dos manuscritos, concorda-se em manter a expressão “μου τὴν χεῖρα/*a minha mão*”, como indica a NA28, visto o peso dos manuscritos (GONZAGA, 2015, p. 222) em que o comitê se apoia para fazer tal opção;

No v.27f, o manuscrito D apresenta uma substituição simples de γίνου por ἰσθι, na frase “καὶ μὴ γίνου ἄπιστος ἀλλὰ πιστός/*não sejas incrédulo, mas crédulo*”; o que é insustentável diante do manuscrito que traz essa variante, em contraste com todos os demais, que sustentam a leitura proposta por NA28, a qual conta com nosso apoio;

No v.28a, ocorrem inclusões da conjunção “καὶ/e” antes do verbo “ἀπεκρίθη/*respondeu*” – “καὶ ἀπεκρίθη/*e respondeu*” – nos manuscritos A C³ K N Γ Δ 565. 700. 892^s. 1241. 1424 \aleph q sy^{p,h}; além disto, acontece uma inclusão conjunção “καὶ/e” antes do nome “Θωμᾶς/*Tomé*”, em \aleph L (“καὶ Θωμᾶς/*e Tomás*”); porém, a leitura sem a conjunção, nos dois casos, antes do verbo e antes do substantivo, como sustentada por NA28, é apoiada (txt) pelos manuscritos \aleph B C* D L W Θ Ψ $f^{1.13}$ / 844. / 2211 lat;

No v.29a, nos manuscritos \aleph W f^{13} sa^{mss} há a substituição do verbo “λέγει/*falou/disse*” pelo verbo “εἶπεν/*disse*” (λεγει \aleph^2) e a inclusão da partícula “ὅε/*mas, porém, e*” (“εἶπεν ὅε/*porém disse*”); há também a omissão do artigo “ὁ/ο” em \aleph^{66} B e um acréscimo do termo “με/*me*” em \aleph^* f^{13} 209 vg^{ms} sy; examinando as variantes, concorda-se em manter a leitura da frase, como indicado pela NA28, a qual tem nosso apoio: “λέγει αὐτῷ ὁ Ἰησοῦς/*disse-lhe Jesus*”; a presença ou ausência das variantes propostas por estes manuscritos em nada alteraria o sentido teológico do versículo em causa.

Notas filológicas e morfológicas/sintáticas (MATEOS; BARRETO, 2021, p. 401.865-866)

No v.24: aparecem “λεγόμενος/*dito/chamado*”, partic. pres. pass. nom. masc. sg., do verbo “λέγω/*dizer/chamar*!; “ἦν/*era/estava*”, imperf. ind. at. 3p. sg, do verbo “εἰμι/*ser/estar/haver*”; ocorre o termo “Δίδυμος/*Gêmeo*” (cf. 4,25); e “ἦλθεν/*veio*”, aor. ind. at. 3p. sg., do verbo “ἔρχομαι/*vir*”, o qual não quer marcar um presente histórico (encontro fundacional da criação da comunidade como em 20,19);

No v.25: ocorrem “ἔλεγον/*diziam*”, imperf. ind. at. 3p. pl., do verbo “λέγω/*dizer/falar*”; “ἔωράκαμεν/*vimos*”, perf. ind. at. 3p pl., do verbo “ὀράω/*ver*”; “εἶπεν/*disse*”, aor. ind. at. 3p. sg., do verbo “λέγω/*dizer/falar*”; “ἴδω/*vir*”, subj. aor. at. 1p. sg., do verbo “ὀράω/*ver*”; e “βάλλω/*colocar*”, subj. aor. at. 1p. sg., do verbo “βάλλω/*por/colocar*”; “πιστεύσω/*crerei*”, subj. aor. at., do verbo “πιστεύω/*crer/acreditar*”. Ao estar acrescido da expressão “οὐ μὴ/de forma alguma”, no subjuntivo aoristo, tem um sentido de uma negação enfática (“certamente não, de jeito nenhum, absolutamente não, jamais etc.”); destaca-se que no v.25b, a expressão “ἔωράκαμεν τὸν κύριον/*vimos o Senhor*” há uma correspondência com 20,18;

No v.26: há os verbos “ἦσαν/*estavam*”, imperf. ind. at. 3p. pl., do verbo “εἰμι/*ser/estar/haver*”; “ἔρχεται/*vem*”, pres. ind. at. 3p. sg., do verbo “ἔρχομαι/*vir*”; “κεκλεισμένων/*fechadas*”, partic. perf. pass. gen. fem. pl., do verbo “κλείω/*fechar/chavear*”; e “ἔστη/*ficou de pé*”, aor. ind. at. 3p. sg., do verbo “ἵστημι/*ficar de pé*”;

No v.27: verificam os verbos “λέγει/*falou/disse*”, ind. at. 3p. sg., do verbo “λέγω/*falar/dizer*”; “φέρε/*traze*”, imperat. pres. at. 2p. sg., do verbo “φέρω/*trazer/levar*”; “ἴδε/*vir*”, imperat. aor. at. 2p. sg., do verbo “ὀράω/*ver*”; “φέρε/*traze*”, imperat. pres. at. 2p. sg., do verbo “φέρω/*trazer/levar*”. O verbo “φέρε/*traze*” (leve), neste versículo, ganha uma especificação com o advérbio de lugar “ἔδε/*aqui*”; “βάλε/*coloque*”, imperat. aor. at. 2p. sg., do verbo “βάλλω/*colocar*”; “γίνου/*sejas*”, imperat. pres. med. 2p. sg., do verbo “γίνομαι/*vir a ser/torar-se*”, continuar a ser, no texto como sê;

No v.28: ocorrem o verbo “ἀπεκρίθη/*respondeu*”, aor. ind. pas. 3p. sg., de “ἀποκρίνομαι/*responder*”; “εἶπεν/*disse*”, aor. ind. at. 3p. sg., de “λέγω/*falar/dizer*”; neste versículo ἀποκρίνομαι tem o sentido de “reagir”, “ἀπεκρίθη/*reagiul/replicou*”, sendo uma reação verbal solene, não constituindo apenas uma resposta comum; aqui, o verbo “ἀποκρίνομαι/*responder*” narra uma reação verbal que vai oferecer uma resposta formal por Tomé;

No v.29: aparecem “ἑώρακάς/*viste*”, perf. ind. at. 2p. sg., do verbo “ὀράω/*ver*”; “πεπίστευκας/*creste*”, perf. ind. at. 2p. sg., do verbo “πιστεύω/*cre/acreditar*”;

“ἰδόντες/*viram*”, partc. aor. at. nom. masc. pl., do verbo “ὀράω/*ver*”; “πιστεύσαντες/*creram*”, partc. aor. at. nom. masc. pl., do verbo πιστεύω; realça-se que a conjunção subordinada “ὅτι/*que*” gera uma tradução no sentido de causalidade, indicando uma condição ou causa que produz um efeito/consequência; o emprego do verbo “πεπίστευκας/*acreditaste*”, um perfeito de “πιστεύω/*acreditar*”, descreve o ponto de chegada de um processo que inaugura um estado seguinte (uma fé mais consciente).

1.1 Estrutura de Jo 20,24-29 à luz da Análise Retórica Bíblica Semítica

Para realizar a Análise Retórica Bíblica Semítica⁸ (ARBS), é importante perceber a disposição dos termos na perícopa Jo 20,24-29. Pois, a realização da investigação “das múltiplas formas de paralelismo e de outros procedimentos semíticos da composição deve permitir um melhor discernimento da estrutura literária dos textos” (PCB, 2016, p. 48). O *parallelismus membrorum*, como apresenta Meynet (MEYNET, 1992, p. 21-31), é composto pelo paralelismo sinonímico, antitético e sintético. Em uma visão geral, o paralelismo *sinonímico* expressa um mesmo significado entre os termos presentes em uma construção frasal, podendo até ser a partir de termos repetidos. O *antitético* clarifica o conteúdo por meio do uso de termos opostos e contrários, numa mesma frase, sendo servido em estruturas literárias poéticas; quanto ao *sintético*, é reconhecido pelos membros em uma frase devido à sua correspondência recíproca. Convém dizer que há uma enorme variedade de formas, e difíceis de serem reconhecidas, apesar da sua presença na métrica hebraico-semítica ser constante, mesmo que um texto seja escrito em outra língua, como é o caso aqui, do grego do NT.

Ao aprofundar-se na categoria do paralelismo dos membros, é interessante analisar o próprio membro. Segundo Meynet (1992, p. 161), um *membro* consiste na unidade mínima de organização retórica, podendo ser um sintagma ou mesmo um termo que forma uma unidade sintática. A composição dos membros constantes em um hino ou poema (*bimembre/trimembre*) denomina-se como um *segmento*. É justamente a partir da avaliação dos *segmentos*, em que, ao se ter um paralelismo idêntico entre eles, ocorre uma simetria paralela. E onde/quando acontece uma ordem

⁸ Este escrito é parte da parceria nos estudos, discussões e reflexões realizados mensalmente na PUC-Rio, nas atividades do grupo de pesquisa de Análise Retórica Bíblica Semítica, constante no CNPq, sob a liderança do Prof. Dr. Waldecir Gonzaga.

cruzada diferente, depara-se com uma simetria cruzada ou denominada de *quiasmo* (ao fazer referência à letra grega χ). O autor ainda mostra que a existência destas simetrias não se resume a um fator estético ou mesmo rítmico. No entanto, é um elemento retórico que auxilia, por meio da unidade dos membros paralelos, a indicação de um todo, ou seja, a formação de uma unidade de conteúdo. A simetria paralela aponta para termos idênticos, sinônimos, complementares ou opostos, podendo ser total ou parcial. Isso pode ser conferido, no gráfico a seguir, no qual é apresentada uma análise/divisão do texto a partir do destaque de alguns termos, que emolduram sua estrutura e beleza linguístico-temática:

<p>²⁴ <u>Θωμάς</u> δὲ εἷς ἐκ τῶν δώδεκα, ὁ λεγόμενος Δίδυμος, οὐκ ἦν μετ' <u>αὐτῶν</u> ὅτε ἦλθεν <u>Ἰησοῦς</u>.</p> <p>²⁵ <u>ἔλεγον</u> οὖν αὐτῷ οἱ ἄλλοι <u>μαθηταί</u> ἔωράκαμεν τὸν <u>κύριον</u>.</p> <p>ὁ δὲ εἶπεν <u>αὐτοῖς</u> ἐὰν μὴ ἴδω ἐν ταῖς χερσὶν <u>αὐτοῦ</u> τὸν τύπον τῶν ἥλων καὶ βάλω τὸν δάκτυλόν μου εἰς τὸν τύπον τῶν ἥλων καὶ βάλω μου τὴν χεῖρα εἰς τὴν πλευρὰν <u>αὐτοῦ</u>, οὐ μὴ <u>πιστεύσω</u>.</p>	<p>²⁴ <u>Tomé</u>, porém, um dos Doze, O chamado Dídimο não estava com <u>eles</u> quando veio <u>Jesus</u></p> <p>²⁵ <u>Diziam</u>, então, a ele os outros <u>discípulos</u> vimos o <u>Senhor</u>.</p> <p><u>Aquele</u>, porém, disse-lhes se eu não vir nas mãos <u>dele</u> a marca dos pregos e colocar o meu dedo na marca dos pregos e colocar minha mão no lado <u>dele</u> de forma alguma <u>crerei</u></p>
<p>²⁶ Καὶ μεθ' ἡμέρας ὀκτώ πάλιν ἦσαν ἔσω οἱ <u>μαθηταί</u> <u>αὐτοῦ</u> καὶ Θωμάς μετ' <u>αὐτῶν</u>.</p> <p>ἔρχεται ὁ <u>Ἰησοῦς</u> τῶν θυρῶν κεκλεισμένων καὶ ἔστη εἰς τὸ μέσον καὶ εἶπεν εἰρήνη ὑμῖν.</p> <p>²⁷ εἶτα λέγει τῷ <u>Θωμᾶ</u> φέρε τὸν δάκτυλόν σου ὧδε καὶ ἴδε τὰς χεῖράς μου</p> <p>καὶ φέρε τὴν χεῖρά σου καὶ βάλε εἰς τὴν πλευρὰν μου,</p> <p>καὶ μὴ γίνου <u>ἄπιστος</u> ἀλλὰ <u>πιστός</u>.</p>	<p>E depois oito dias, dentro, de novo estavam os <u>discípulos</u> <u>dele</u> e Tomé (estava) com <u>eles</u>.</p> <p>Veio <u>Jesus</u> (com) as portas fechadas e ficou de pé no meio e disse: paz convosco.</p> <p>²⁷ Então, diz à <u>Tomé</u>: traze o dedo teu aqui e vê a mão minha</p> <p>e traze a tua mão e coloque no meu lado,</p> <p>e não sê <u>incrédulo</u> (infiel), mas <u>crente</u> (fiel).</p>
<p>²⁸ ἀπεκρίθη <u>Θωμάς</u></p>	<p>²⁸ Foi replicado por <u>Tomé</u>:</p>

καὶ εἶπεν αὐτῷ ὁ κύριός μου καὶ ὁ θεός μου.	E disse a ele : Senhor meu e Deus meu.
²⁹ λέγει αὐτῷ ὁ Ἰησοῦς ὅτι ἑώρακάς με πεπίστευκας ; μακάριοι οἱ μὴ ἰδόντες καὶ πιστεύσαντες .	²⁹ Disse-lhe Jesus porque viste me, creste bem-aventurados os que não viram e creram .

A atividade de segmentar e traduzir, efetuada anteriormente, auxilia o processo da análise da crítica textual, dos verbos e de seus movimentos, nos âmbitos semânticos e morfológicos, com os elementos retóricos, na estrutura da perícopie e igualmente no entendimento bíblico-teológico-pastoral, sobretudo a partir do emprego dos passos do método da ARBS, por seus aspectos linguísticos e frutos para a exegese bíblica, o qual, como se sabe, pode ser aplicado a uma perícopie, em especial como no caso, ou mesmo a um livro completo do AT ou do NT.

Por ser um texto significativo que contém uma grande e importante profissão de fé em Jesus ressuscitado, a maioria dos autores converge quanto à divisão interna da perícopie Jo 20,24-29, a partir da qual se percebe a coesão do texto, raciocínio do autor, emprego do vocabulário, personagens e aspectos teológicos. A estrutura mais comum é em três partes, divergindo apenas quando aos versículos intermédios e finais, mas todas concordam com os iniciais: por exemplo, segundo Hendriksen (2014, p. 794-795), Carson (1991, p. 517), Brown (2020, p. 1531-1532) e Bruce (2011, p. 335-337): a) vv.24-25; b) vv.26-28; e c) v.29; de acordo com Mateos e Barreto (2021, p. 866): a) vv.24-25; b) v.26; e c) vv.27-29. Porém, há quem indica uma divisão em duas partes, como: Orlando (2022, p. 290), Simoens (2002, p. 807) e Casalegno (2013, p. 101): a) vv.24-25 e b) vv.26-29. Entres estes três últimos autores, destaque se dá a Simoens (2002, p. 807), que apresenta um esquema do capítulo 20 de João, salientando o paralelismo dos termos, possibilitando uma leitura ampla e geral do texto, com suas conexões linguístico-temáticas:

O Sepulcro aberto - A (vv.1-10)	Os discípulos e Tomé - A" (vv.24-25)
Maria Madalena e o Senhor vê e crê não sabiam ainda da Escritura	"vimos o Senhor" "se eu não vê-lo..., não crerei"
Maria e os Anjos Fora	Tomé e Jesus dentro
B (vv.11-13) Cabeça – pés – corpo de Jesus	B' (vv.26-29) "o teu dedo - as minhas mãos a tua mão - o meu lado"

"O meu Senhor"	"meu Senhor e meu Deus" "porque me viu, creu; felizes aqueles que não viram e creram"
Maria e Jesus A' (vv.14-18) Maria e o Senhor Pai – Deus "Vi o Senhor"	Os sinais e o livro A''' (vv.30-31) sinais não escritos neste livro; sinais escritos crer em Jesus, o Cristo, o filho de Deus. Ter vida no seu nome.

Como se verifica, há uma clara relação entre os membros, com forte paralelismo, ora sinonímico, ora antitético em todo o capítulo 20 de João. O paralelo, com uma estrutura semelhante, entre Maria Madalena e os discípulos sem e com Tomé, tem segmentos expressos com o mesmo significado. Examina-se na expressão: "vi o Senhor" (v.18), que é repetida na verbalização dos discípulos a Tomé: "vimos o Senhor" (v.25). Além disto, há outros membros nos vv.11-13, como: cabeça, pés e corpo, em relação aos vv.26-29: dedo, mãos e lado. Também se percebe uma similitude do segmento: "o meu Senhor", da discípula (v.13), com a profissão de fé mais elaborada do apóstolo: "Senhor meu e Deus meu" (v.28). Pode ser destacado, similarmente, o paralelismo antitético, entre os termos: Maria, anjos, fora, ver e crer (vv.1-10), com Tomé, Jesus, dentro, vê-lo e não creram (vv.24-25), apontando para uma estrutura quiástica. Ademais, as partições dentro da perícopes carregam membros que são retomados a cada versículo da perícopes anterior, justamente, para levá-los a uma compreensão maior, dentro do roteiro temático do evangelista. Assim, percebe-se que os termos: Tomé, discípulos (outros, lhes), Jesus (Senhor, Ele, Dele, Deus), crer (fiel, acreditaste, ter acreditado) e ver (vimos, vê, ter visto, viste) auxiliam o leitor a acompanhar a cena do ressuscitado com um certo realismo, como participante de todo o desenrolar e seu desfecho.

1.2 Uso do SI 35(34),23 em Jo 20, 24-29

Na perícopes de Jo 20,24-29, acha-se a conhecida profissão de fé de Tomé (v.28) que, em um primeiro momento, parece remeter diretamente a uma expressão/fórmula veterotestamentária, de forma particular, presente em alguns salmos, a saber:

- SI 30(29),3: **Senhor, meu Deus**, gritei a ti e me curaste;
- SI 35(34),23: Desperta! Levanta-te pelo meu direito, por minha causa, **meu Senhor e meu Deus!**

- SI 86(85),2b: Tu és o **meu Deus**, tem piedade de mim, **Senhor**, pois é a ti que eu invoco todo dia!;
- SI 88(87),2: **Senhor, meu Deus** salvador, de noite eu grito a ti;

A partir presença da expressão nestes salmos, tendo como objeto material o SI 35(34),23, prossegue-se à sua segmentação e tradução, utilizando o texto hebraico Massorético da BHS (Bíblia Hebraica Stuttgartensia) e a versão grega da *Septuaginta* (LXX):

Tradução	BHS SI 35,23	LXX SI 34,23	Tradução
Desperta e acorda para o meu julgamento meu Deus e meu Senhor para a minha disputa	הַעֲרֵרָה ²³ וְהִקְיֹצָה לְמִשְׁפָּטִי אֱלֹהֵי אֲדֹנָי לְרִיבִי:	²³ ἐξεγέρθητι, κύριε, καὶ πρόσχεϛ τῆ κρίσει μου, ὁ θεός μου καὶ ὁ κύριός μου , εἰς τὴν δίκην μου.	Levanta, Senhor, e dá atenção ao meu julgamento meu Deus e meu Senhor ⁹ , para minha pena

O SI 35(34),23, não tendo nenhum registro de nota de crítica textual, é analisado do ponto de vista sintático/morfológico, destacando-se no *hebraico*: הַעֲרֵרָה (verbo no *hifil* imperat. masc. sg., adicionado de *he* paragógico), significando “despertar/agitar”; וְהִקְיֹצָה (conj. *waw* adicionado do verbo no *hifil*, imperat. masc. sg., acrescido de *he* paragógico), expressando “acordar/despertar”; רִיבִי, que se traduz por “disputa”. Na versão da LXX, o *grego*: ἐξεγέρθητι (verb. imperat. aor. pass. 2p. sg.), de “ἐξεγείρω/levantar”; πρόσχεϛ (verb. imperat. aor. at. 2p. sg.), do verbo “προσέχω/atender/dar atenção a”; e o termo τὴν δίκην, que corresponde a “pena/castigo/justiça”.

Como indica Simoens (2002, p. 817), a expressão verbalizada por Tomé, “ὁ κύριός μου καὶ ὁ θεός μου/Senhor meu e Deus meu” (Jo 20,28), de alguma maneira, registra uma ligação com Deus, como constantemente pode ser encontrada no AT. Chama a atenção a tradução da LXX, na clareza do uso do termo “Senhor”, que consiste em uma tradução do nome de Deus, referente ao Tetragrama Sagrado: YHWH (יהוה), e especialmente de “אֲדֹנָי/Adonai”, por “κύριός/Senhor”. Nesta mesma linha, Marcheselli também afirma que “Senhor é o nome divino” (MARCHESELLI, 2021, p. 472). Por sua vez, Beale (2013, p. 53-56) realça a possibilidade do AT ter sido usado no NT por meio de três perspectivas, a saber: *citação*, que consiste em

⁹ Optou-se em traduzir “meu Deus e meu Senhor”, a fim de harmonizar com a forma do texto hebraico, apesar deste ter uma estrutura sufixada para os pronomes.

uma reprodução direta de uma passagem veterotestamentária facilmente identificável; uma *alusão*, composta de uma reprodução indireta; e o *eco*, sendo uma referência sutil ao AT. A partir destas possibilidades, como é possível avaliar o uso do SI 35(34),23 em Jo 20,24-29? León-Dufour afirma que “literalmente, a confissão de Tomé reproduz os termos da LXX, traduzindo a invocação do Salmo 34,23” (1998, p. 179).¹⁰ A fórmula de Tomé (CASALEGNO, 2013, p. 105), em Jo 20,28, é mais uma capaz de ser lida à luz do AT, como em outras passagens citadas por ele, qualificando Jesus no IV Evangelho, tais como: Tu és o Filho de Deus e o rei de Israel (Jo 1,49); Tu és o Santo de Deus (Jo 6,69); este é verdadeiramente o Salvador do mundo (Jo 4,42).

Beale (2013, p. 84-126), ainda, ressalta algumas formas principais de uso do AT no NT que, de certa maneira, podem ilustrar a relação do uso do SI 35(34),23 em Jo 20,24-29, como: a) a indicação do cumprimento direto de uma profecia veterotestamentária; b) a apresentação do cumprimento indireto de uma profecia tipológica do AT; c) a designação do uso analógico ou ilustrativo do AT; d) a revelação do uso simbólico; e f) a sugestão do uso por assimilação do AT. Pode, também, acontecer de alguns textos veterotestamentários terem uma função específica de indicar o “Senhor”. Casalegno (2013, p. 106), a esse respeito, cita 1Rs 18,39 (O Senhor é Deus!), 2Sm 7,28 e Zc 13,9, que afirmam, de forma caracterizada, no caso do SI 35(34),23, que o fiel está se dirigindo ao próprio Deus como seu, na expressão “meu Senhor e meu Deus”, constado na ordem invertida à da frase de Tomé.

Diante disso, parece ser possível ver nas formas adotadas do uso (BEALE, 2013, p. 85-96) do SI 35(34),23 em Jo 20,24-29 um cumprimento tipológico, fazendo corresponder o uso do termo “Senhor” a “Deus” no AT, em Jesus ressuscitado, iluminando a história da salvação realizada por Cristo; uma clara associação analógica de um salmo que baliza o desenvolvimento teológico no Evangelho como um todo e de forma específica na perícopes em questão. Neste sentido, o termo “κύριός/*Senhor*”, ainda pode consistir em uma solicitude comum com um endereçamento a Deus. Isto se percebe no uso ao termo “Deus” na LXX, no qual “em muitas ocorrências não pode ser considerado menos elevado que Deus” (CARSON, 1991, p. 518), o termo adotado de “Senhor”. Casalegno (2009, p. 199), Brown (2020, p. 1534), Beutler (2015, p. 465) e Boismard e Lamouille (1987, p. 474) concordam em afirmar que a verdadeira relação de correspondência da expressão de Tomé é o SI 35(34),23, onde a citação deste, ao

¹⁰ León Dufour usa a numeração do Salmo segundo a versão da Vulgata, que segue a Septuaginta.

servir de sustentação à cristologia joanina, quer reafirmar aquilo que já tinha sido proclamado de forma solene no Prólogo do Evangelho, especialmente em Jo 1,1c.18. Além do mais, a referência do salmo por João recorda, na sua teologia, que Jesus, Filho de Deus, “é a última e definitiva intervenção de Deus na história” (RAMOS, 2006, p. 326).

2 A Perícope Jo 20,24-29

Para os Sinóticos, a glória de Jesus é um evento manifesto que acontece após a morte de cruz, sendo vista sob uma perspectiva isolada, ao findar o processo de paixão, entrega e morte no madeiro, até a ascensão. A ressurreição, desta forma, torna-se um período de transição, se assim pode ser denominado, entre a morte e a entronização nos céus, isto é, na glória. Todavia, no Evangelho de João, isto já não é observado. O espaço de tempo entre a morte de cruz e a ascensão não há distinção, nem mesmo a sua manifestação gloriosa, isto porque “a arte de João consiste em ter mostrado que a glória penetre os acontecimentos da Terra” (LÉON-DUFOUR, 1998, p. 141).

Ao colaborar com esse raciocínio, Schnackenburg declara que “a ressurreição de Jesus é um evento transitório entre a existência terrena de Jesus e sua presença transcendente-celestial” (SCHNACKENBURG, 2001, p. 253). Desta feita, o realismo da cruz está em consonância com o realismo da encarnação, correspondendo a um arco teológico, ou seja, uma moldura teológica. Inicia com os termos efetivos (carne), realçando a debilidade, caducidade e mortalidade do homem, na expressão joanina “o Verbo se fez carne” (Jo 1,14), em que Jesus “assume a fraqueza, a mortalidade da criatura e se torna solidário com ela entrando no desenrolar-se da história” (CASALEGNO, 2014, p. 186). Desta existência histórica, Jesus caminha, em meio a obras e sinais, à manifestação total de sua glória na cruz.

Após a morte e exaltação no madeiro, a ressurreição é manifestada aos discípulos por meio de aparições, quando Jesus, trazendo as marcas das feridas dos pregos e da lança, expõe aquela carne assumida antes, agora transformada. Em todo o capítulo 20 de João, especialmente na perícope Jo 20,24-29, pode-se reparar um esquema tripartite das aparições do ressuscitado: “a) iniciativa radical de Jesus; b) reconhecimento daquele que se torna presente; e c) missão confiada aos discípulos” (LEÓN-DUFOUR, ano, p. 142). Dentre estes pontos apresentados, percebe-se que no “núcleo do capítulo está o comissionamento dos seguidores de Jesus, ladeado

pelas narrativas que concentram foco em Maria Madalena e Tomé” (KÖSTENBERG, 2014, p. 632).

Em outros termos, “agora que o Filho alcançou o termo de seu itinerário, resta mostrar a apropriação pelos seus daquilo que sua passagem para a glória lhes obteve” (LEÓN-DUFOUR, 1998, p. 142). Carson afirma que “a ressurreição de Jesus foi o fato imutável sobre o qual a fé deles está baseada” (1991, p. 496). Contudo, esta fé esbarra em dúvidas por parte dos discípulos nos Evangelhos Sinóticos, nos quais, a título de exemplo, podem ser citadas as expressões “alguns duvidaram” (Mt 28,17) ou “não acreditavam” (Lc 24,41). Brown (2020, p. 1515) mostra que o tema da incredulidade dos discípulos pode ser visto em todos os Sinóticos (Lc 24,41s; Mc 16,14; Mt 28,17) e que dentre estes, o evangelista Lucas explora de uma forma mais acentuada a identidade física de Jesus crucificado em relação à incredulidade do grupo dos discípulos (PERKINS, 2018, p. 813). No entanto, com maestria, em Jo 20, não é encontrada uma dúvida geral compartilhada pelos apóstolos sobre a aparição pascal. João constrói uma perícopie singular (Jo 20,24-29), tendo como “protagonista Tomé, personificando nele a perplexidade dos discípulos” (CASALEGNO, 2013, p. 101).

O evangelista explora a dimensão da fé no capítulo 20 como um todo, porém, de forma peculiar na perícopie Jo 20,24-29. Schnackenburg indica que “ter fé significa afirmar a autorrevelação de Jesus e ligar-se a este único mediador da salvação” (2001, p. 258). A fé é tão relevante para a Igreja como um todo, e de forma especial, no contexto histórico, para a comunidade primitiva joanina. Neste sentido, “vê-se um motivo apologético ao ter a finalidade de mostrar que a fé da comunidade primitiva não se fundamentou em um entusiasmo vazio” (CASALEGNO, 2013, p. 101). É importante ressaltar que, para João, a ressurreição é um evento inquestionável. A realidade dela mesma provoca no crente/discípulo uma postura própria no relacionar-se com o mistério, pois a verdade da ressurreição exige um ver da fé e não um puro ato da visão (MAGGIONI, 2009, p. 707).

No aspecto da fé, similarmente, na ressurreição, na ótica joanina, do capítulo 20, pode-se sinalizar que a fé objetiva traz os discípulos de um além da antiga aliança mosaica para “uma era de salvação da soberania de Deus mediada por meio do Filho que é baseada na pura facticidade da ressurreição (20,8.24-29)” (CARSON, 1991, p. 496). Porém, o evangelista também quer relacionar essa fé importante para a experiência do discípulo que caminha com a presença do ressuscitado com o conhecimento mais maduro, fruto da experiência proveniente da páscoa. Perkins

(2018, p. 813) afirma que esta maturidade da fé pode ser contemplada, na presença do Senhor que se dá por meio do Espírito Santo, o fundamento da fé de qualquer discípulo. Esta relação é possível de ser indicada na perícopes Jo 20,24-29 em que “as duas aparições de Jesus aos discípulos sem Tomé e com ele parecem que se destinam também a corrigir uma concepção de fé arraigada na experiência sensível de Jesus” (TUÑI VANCELLS, 1989, p. 146).

2.1 Jo 20: um bloco temático da ressurreição de Jesus

A perícopes de Jo 20,24-29 localiza-se no bloco temático de Jo 20,1-31 no qual é tratada a ressurreição de Jesus e suas aparições à Maria Madalena, aos discípulos sem e com Tomé. Estruturalmente, o Evangelho de João está dividido em dois Livros (BORING, 2015, p. 1203), além do prólogo e de um epílogo: o Livro dos Sinais (2–12) e o Livro da Glória (13–20). A perícopes estudada situa-se no segundo livro. Vale recapitular, ainda, que em João, a cruz recebe uma ótica teológica da manifestação da glória de Deus, bem como a realização do plano redentor, estando unida assim à ressurreição. A cruz, também, consiste em uma “rota que Jesus toma de retorno ao Pai (14,28-31; 20,17)” (CARSON, 1991, p. 436). Cabe destacar, igualmente, uma comparação entre os Evangelhos Sinóticos e João, ressaltando a visão deste sobre o processo de redenção operado por Jesus. Neste aspecto, ao observar a perícopes Jo 20,24-29, compreende-se o seguinte: a introdução de uma narrativa (vv.24-25), em que, em seguida, ela sofre um desenvolvimento. Para Boismard, a composição deve ser considerada como uma “elaboração do evangelista e não um relato originário” (BOISMARD *apud* CASALEGNO, 2013, p. 101).

Para uma melhor compreensão, convém localizar a perícopes dentro do contexto do capítulo 20 do Evangelho de João, devido ter uma impressão de que as ocorrências pascaís formam um conjunto de cenas destacadas e sobrepostas (MAGGIONI, 2009, p. 707). Segundo León-Dufour (1998, p. 144), a divisão proposta é: junto ao sepulcro de Jesus (vv.1-18); Jesus e seus discípulos (vv.19-29); e conclusão referida ao capítulo e a todo o evangelho (vv.30-31). Porém, de acordo com Pérez Millos (2019, p. 1781), a estrutura recomendada avança em Jo 21, com a temática: ressurreição do Verbo encarnado (20,1–21,25). A composição ficaria assim: I) O túmulo vazio (20,1-10); e II) As aparições do ressuscitado (20,11–21,23): à Maria Madalena (20,11-18); aos discípulos sem Tomé (20,19-25); aos discípulos com Tomé (20,26-31); e outras aparições do ressuscitado (21,1-25).

Schnackenburg (1981, p. 493) indica a seguinte proposta estrutural para Jo 20: os fatos ocorridos pela manhã do primeiro dia da semana – Domingo da Páscoa (vv.1-18); aparições de Jesus à tarde do mesmo dia (vv.19-23); a história de Tomé - aparição no domingo seguinte (vv.24-29); conclusão de todo o evangelho (vv.30-31). Orlando (2022, p. 290), por sua vez, detalha um pouco mais a estrutura do capítulo 20, e propõe: I) Feitos no sepulcro (vv.1-18); testemunhas do sepulcro (vv.1-10); ida de Maria Madalena no sepulcro (vv.1-2); Pedro e o outro discípulo que vão no sepulcro (vv.3-10); encontro de Maria Madalena com os anjos e com Jesus (vv.11-18); diálogo de Maria Madalena com os anjos (vv.11b-14); Jesus se revela a Maria Madalena (vv.14b-18); II) Ações aos discípulos no cenáculo (vv.19-29); 1ª. aparição (vv.19-23); introdução e demonstração das feridas (vv.19-20); missão e poderes (vv.21-23); 2ª. aparição com a presença de Tomé (vv.24-29); introdução (vv.24-25); encontro com Tomé (vv.26-29); e III) Conclusão (vv.30-31).

2.2 Comentário exegético-teológico da perícope Jo 20,24-29

Após a visão estrutural de Jo 20, da localização da perícope Jo 20,24-29 no bloco temático da ressurreição, passa-se, neste momento, à análise exegético-teológica dos versículos. A seção começa apresentando a ausência de Tomé no encontro anterior de Jesus com os outros discípulos.

O v.24 teria a funcionalidade de ser um versículo de transição, além de explicitar a ausência mesma do discípulo (BEUTLER, 2015, p. 463). Esta ausência do apóstolo caracterizaria a ausência daqueles que se reúnem na comunidade (BRUCE, 2011, p. 336), em um dia celebrativo, para “o dia do Senhor”. De acordo com Zumstein, “Tomé se distingue pela ausência da esperança pascal” (ZUMSTEIN, 2017, p. 948). É uma aparente separação da comunidade. O discípulo estaria ausente do ato de fundação do povo da nova aliança, não recebendo o Espírito Santo, e sequer a missão conferida por Jesus ressuscitado (MATEOS; BARRETO, 2021, p. 867). Apesar da ausência de Judas e de Tomé, a designação tradicional do grupo apostólico – os Doze - permanece no relato do v.24 como salienta Brown (2020, p. 1505). Contudo, quem é Tomé, chamado Dídimos? Carson (1991, p. 517) analisa que o nome Tomé possivelmente vem do hebraico (*t’ōm*) ou do aramaico (*t’ōma*) e que é traduzido ao grego (Δίδυμος), servindo até como um nome próprio no relato. Casalegno (2013, p. 102) pondera que os Sinóticos mostram Tomé como um dos Doze (Mt 10,3; Mc 3,18; Lc 6,15 e At 1,13). No evangelho joanino, ele é destinatário de uma aparição

específica do ressuscitado e recebe um certo destaque (Jo 11,16; 14,15; 20,24.26.27.28; 21,2), e algumas vezes em uma posição dúbia (Jo 11,16) ou dificuldade de entendimento (14,5). Desta forma, não é caracterizado como um infiel, mas aquele que hesita ou desconfia no processo da fé.

Há uma tradição dominante a indicar a existência de uma irmã gêmea de Tomé designada Lísia, segundo Eusébio de Cesareia (2008, p. 56) em que o outro nome associado a Tomé seria Judas. Segundo o preâmbulo do Evangelho segundo Tomé, cap. 1, aparece a denominação de Dídimos: “são estas as palavras secretas que Jesus, o Vivo, proferiu e que Dídimos Judas Tomé escreveu” (PROENÇA, 2005, p. 599). Vale dizer que não prevaleceu a hipótese de que Tomé se identificasse com aquele Judas constante de Mc 6,3 e de Jo 14,22 (CARSON, 1991, p. 517). Diante disto, o que se tem sobre Tomé é que ele seria um discípulo no relato joanino lento para a compreensão e ação positiva com a fé, tornando-se um expoente da dúvida apostólica (CASALEGNO, 2013, p. 102).

No v.25, ao subdividir este versículo, no v.25a acha-se o testemunho dos outros dez discípulos, com a expressão “vimos o Senhor”. O verbo “λέγω/*dizer/falar*”, aqui está conjugado no imperf. ind. at. 3p. pl: “ἔλεγον/*diziam*”. Este tempo designa uma ação que possui um caráter de continuidade. Já o verbo “ὀράω/*ver*” situa-se no perfeito do indicativo, manifestando uma ação que já decorreu completamente, mas com resultados constantes. A expressão pode ter um sentido conotativo (BROWN, 2020, p. 1506), onde os discípulos explicaram-lhe o acontecido em um significado de continuidade. Em suma, os discípulos tiveram a oportunidade de experimentar uma visão completa de Jesus, sendo reconhecida a sua majestade divina com o uso do vocábulo “Senhor”.

Os termos “τύπος/*marca*” dos pregos e o “τόπος/*lugar*” dos pregos são indicados como as testemunhas textuais (BROWN, 2020, p. 1506); mesmo que haja uma certa confusão entre variantes em alguns textos, com existência das duas palavras diferentes: τύπος/τόπος (marca/lugar). Similarmente, o ato solicitado por Tomé de pôr o dedo tenta captar textualmente o movimento do verbo “βάλλω/*colocar*”. Schnackenburg (1981, p. 545), por sua vez, destaca a força da negação “οὐ μὴ/*de forma alguma*”, do discípulo questionador; um sinal de ênfase negativa indicando o estado atual do apóstolo e sua disposição de futuro. Todavia, esta dimensão futura possui um caráter assertivo, porque visa gerar uma confiança pessoal acerca da ressurreição de Jesus Cristo.

Percebe-se uma relação e identidade com a perícopa anterior (vv.11-18) que trata da experiência com o ressuscitado e, também, na própria declaração de Maria Madalena (v.18) no ato de informar aos discípulos: “vi o Senhor” (MATEOS, J.; BARRETO, 2021, p. 867-868). Todavia, a expressão dos discípulos, “vimos o Senhor”, comporta uma experiência com Jesus onde Ele infundiu neles o Espírito Santo (vv.19-23), transmitindo-lhes a sua glória, que é a do Pai (Jo 17,22), além de parecer com uma forma apostólica no relato (1Cor 9,1) (BEUTLER, 2015, p. 463). A resposta de Tomé ao acontecido e relatado, porém, explicita um ceticismo diante do testamento de seus companheiros, isto porque, segundo Ramos, “Tomé é apresentado como representante daqueles que não querem crer sem antes terem visto” (RAMOS, 2006, p. 326). Tomé parece representar um ceticismo honesto (CHAMPLIN, 2014, p. 850), uma busca da verdade. Talvez, segundo ele, o discípulo representa o princípio de que “*intellectus precedit fidem/o intelecto antecede a fé*”, o qual não se torna incompatível com uma regra mais elevada do “*fides procedit intellectum/a fé antecede o intelecto*”. Em Tomé há um desejo que se expressa de busca da verdade e de conhecer mais o fato, para crer. João Crisóstomo (1882, p. 471-476), em uma de suas Homilias sobre o Evangelho de São João, diz que o desejo de investigar de Tomé é razoável, ao mesmo tempo que indica uma mente grosseira, não acreditando no testemunho dos outros.

A dúvida de Tomé, por um lado, parecer consistir na recusa do testamento e ao *kerygma* pascal; por outro lado, ela está conectada a uma prova física, a uma verificação empírica. Mas, a dúvida do apóstolo vem revestida da incredulidade na realidade da própria ressurreição, na expressão “*οὐ μὴ πιστεύσω/de forma alguma crere*” (ZUMSTEIN, 2017, p. 948). Para Haenchen (1984, p. 211), o v.25b tem uma contrapartida em Lc 24,36-43, que aborda o tema da dúvida existente na comunidade pós-pascal. Assim como em Lucas, João propõe o tema da dúvida existente e compartilhada entre os discípulos e não somente entre os cristãos da segunda geração, porém já como objeto de refutação do próprio Jesus. Neste sentido, há uma postura de Tomé de incredulidade frente ao testemunho da Igreja, representado pelos outros discípulos.

O texto parece indicar que Tomé demonstra ter um fechamento ao mistério, uma disposição negativa a crer (ZEVINI, 1996, p. 226), o desejo de verificar o acontecido, o que põe e define condições para sua fé em Jesus ressuscitado. O

evangelista trabalha o episódio com os verbos ver e crer, sendo ações fundamentais de uma forma que se distancia do proposto no próprio Evangelho Joanino. Schnackenburg (1981, p. 545-546) retoma uma outra experiência de refutação no relato evangélico, em Pedro (Jo 13,8), contudo em um tom volitivo. No entanto, João parece estabelecer uma relação desde o v.25 com as passagens de 8,51 e 16,7; em 4,41, Jesus já emite uma alerta para este tipo de postura tibia: “senão virdes os sinais e os prodígios não crereis”.

A incredulidade de Tomé tem a função de apoiar a futura formulação da sua fé (v.28), mas também da declaração de Jesus (v.29) (MATEOS; BARRETO, 2021, p. 866). Isto porque os fiéis do futuro não terão como realizar a prova física que o discípulo está exigindo no momento. Além disto, ele quer uma prova não comunitária (vimos o Senhor), mas sim uma prova individual (se eu não colocar o dedo nas marcas). De fato, parece haver dado de profundidade na dúvida do apóstolo no que tange a uma requisição de prova para comprovar uma verdade que está sendo transmitida pela comunidade, representada na expressão negativa de “οὐ μὴ πιστεύσω/*de forma alguma crere*” (PÉREZ MILLOS, 2019, p. 1785). Segundo Beutler (2015, p. 463), nas palavras exigentes de Tomé pode também haver uma correspondência com o SI 22(21),17, ao se tratar de uma reminiscência sobre a maneira dos romanos de perfurar as mãos de um crucificado. Casalegno (2019, p. 305), a partir das testemunhas de Agostinho de Hipona e Gregório Magno, informa que Jesus, apesar do poder de retirar as marcas das feridas, manteve-as; estas marcas apontam para a natureza humana corruptível do Senhor que se revestiu de incorruptibilidade.

No v.26: ocorre a marcação temporal “oito dias depois”. Beasley-Murray (1999, p. 384), Brown (2020, p. 1506), Mateos e Barreto (2021, p. 868) e Pérez Millos (2019, p. 1786) concordam com a referência ao domingo seguinte ao da ressurreição, sendo também a memória do domingo celebrativo comunitário. Além disto, é o dia do encontro habitual dos fiéis, o dia em que se realiza a memória de Jesus. E isto é apreciado na Epístola a Barnabé, que sugere refletir a importância dominical para a comunidade: “pelo que, também, guardamos o oitavo dia com alegria, o dia também no qual Jesus ressuscitou de dentre os mortos. E quando Ele se manifestou, subiu aos céus” (PROENÇA, 2005, p. 772). No v.26, igualmente, chama a atenção aos verbos “ερχεται/*vem*” e “λεγει/*diz*”. Há uma originalidade no autor, convidando o ouvinte-leitor a participar da cena do relato, devido ao tempo verbal, como se a cena

ocorresse diante dos olhos daquele que lê (CASALEGNO, 2013, p. 104). Especial atenção deve ser dada à expressão verbal “pôr-se no meio” (BROWN, 2020, p. 1507), na qual Jesus aparece, aquele que é esperado, tornando-se presente na história.

A expressão, oito dias depois, põe em relevo no dia do Senhor que também é referência no Apocalipse (1,10), podendo ser “uma alusão sutil para a origem do culto cristão neste dia particular” (1991, p. 517), Mateos e Barreto (2021, p. 868), igualmente, assinalam o simbolismo existente para o oitavo dia teológico, o dia além do sétimo da primeira criação, indicando a plenitude do mundo definitivo com a presença do Cristo ressuscitado. Champlin (2014, p. 831) apresenta quatro pontos interessantes neste v.26, a saber: a) a observância do dia do Senhor, confirmado também em At 20,7; 1Cor 16,2; Ap 1,10; b) a presença de Jesus, um intervalo entre ressurreição e ascensão; c) a maneira de Jesus apresentar-se no meio deles, mesmo com portas fechadas; e d) a repetição da exclamação de Jesus: a paz convosco. Como no v.19, há uma certa contraposição entre a permanência dos discípulos em Jerusalém em comparação com os Sinóticos, quando eles se dirigem à Galileia a fim de ver o Senhor (Mc 16,17) e testemunham as aparições do ressuscitado (Mt 28,16-20; Jo 21) (SCHNACKENBURG, 1981, p. 546). De fato, parece haver uma intencionalidade do evangelista no domingo e na presença de Tomé em seu relato. E isto é confirmado com as expressões “oito dias depois” e “dentro de casa”, as quais indicam a celebração da memória da ressurreição e o local da reunião celebrativa já mencionada no v.19. No entanto, há quem indique dizer respeito à permanência dos discípulos em Jerusalém ao invés da Galileia, referindo-se à participação deles na semana celebrativa da Páscoa judaica (BROWN, 2020, p. 1507).

No v.27: o vocábulo “εἶτα/então” indica uma ação seguinte que ocorre imediatamente, sendo encontrada, também, em 13,5 e 19,27 como sugere Schnackenburg (1981, p. 547). Jesus, conhecendo o interior humano, assume a iniciativa junto à Tomé, exercendo sua soberania sobre os acontecimentos e convida o discípulo a tocá-lo, respondendo às demandas dele feitas anteriormente aos outros discípulos (ZUMSTEIN, 2017, p. 548). É possível ver uma similaridade na estrutura de composição com o relato de Natanael (1,47-50), entre uma “resposta desdenhosa e duvidosa do homem e a afirmação e proclamação de Natanael” (SCHNACKENBURG, 1981, p. 548). Para Boismard e Lamouille (1987, p. 473), há um paralelo entre Lc 24,39 muito claro; Brown (2020, p. 1508) vê o paralelo com expressões mais desenvolvidas, ao contrário da definição espacial em João, com o

advérbio de lugar – aqui. O convite realizado a Tomé é bem mais amplo, pois ele envolve “todos os cristãos para superarem as perplexidades da vida da fé” (CASALEGNO, 2013, p. 104). Já Hendriksen (2014, p. 796) analisa o v.27 em relação ao v.25, indicando, inclusive a proximidade linguística entre ambos, além da temática:

As exigências de Tomé (v.25)	As ordens de Jesus (v.27)
1 A menos que eu veja em suas mãos as marcas dos pregos	2 e veja minhas mãos
2 E ponha meu dedo no lugar dos pregos,	1 ponha aqui seu dedo
3 bem como minha mão em seu lado,	3 chegue também a mão e a ponha em meu lado
4 definitivamente não creerei	4 e não mais seja incrédulo, mas crédulo

Van Tilborg (2014, p. 421) percebe a mesma repetição literal com a finalidade, segundo ele, do evangelista trabalhar um jogo de termos verbais, o ver e o crer, rejeitando a postura expressa anteriormente pelo próprio Jesus: “se não virdes sinais e prodígios não creais” (4,48). Porém, apesar desta correção que está se desenvolvendo neste versículo, nesta relação de fé de Tomé e o confronto com a presença do ressuscitado, Mateos e Barreto (2021, p. 870) apontam uma manifestação a mais de amor de Jesus. O seu amor extremo, revelado nos sinais dos cravos e do lado, representando também o dom do Espírito Santo, são realidades comunicadas em sua ressurreição. E isto é evidenciado na corporeidade do Senhor, aquele que passa pela morte, a continuidade ou perenidade de sua presença no meio da comunidade cristã, trazendo possivelmente a imagem da comunhão entre os discípulos e Ele.

Neste versículo, percebe-se que há um convite revelado de Jesus a Tomé que, igualmente, sugere um crescimento na fé do discípulo (ZEVINI, 1996, p. 227). O atendimento aos pedidos do apóstolo é realizado não de forma isolada, contudo “na presença de todos” (PÉREZ MILLOS, 2019, p. 1788). Mas, este atendimento de Jesus é seguido por uma admoestação dirigida não somente a Tomé. Na verdade, a exortação é uma “advertência para os discípulos e para todos os de todos os tempos” (1996, p. 227). Ressalte-se a existência dos imperativos: “*φέρει/traze/estende*” (verbo imperat. pres. at. 2p. sg.) e “*γίvou/torne/seja*” (verbo imperat. pres. med. 2p. sg.), este último com um sentido de duração e continuidade, seguido da partícula de negação com um tom de proibição (BROWN, 2020, p. 1508). João indica a interrupção de um estado anterior (incrédulidade) e o convite a uma nova atitude (credulidade), sendo percebida esta mudança na fé, pela marcação do verbo *γίνομαι* (no v.27, flexionado

como γίνου). A impressão que se tem é que Tomé é colocado diante de sua própria incredulidade (ZUMSTEIN, 2017, p. 945). Saliente-se ainda o jogo dos termos *απιστός/πιστός* (incrédulo/crédulo), como sendo a única ocorrência em todo o Evangelho, possivelmente porque o evangelista dá preferência ao verbo *“πιστευειν/creer”* (BROWN, 2020, p. 1508). O adjetivo *“απιστός/incrédulo”* tem eco em *“eles ainda não podiam acreditar”* (Lc 24,41) e *“denota um parentesco literário com Lc/At”* (BOISMARD, M. -É.; LAMOUILLE, 1987, p. 473).

No v.28, segundo Boismard e Lamouille *“encontra-se a confissão primordial no Evangelho de João e porque não dizer em todo o NT”* (1987, p. 474). Provavelmente, esta profissão de fé é uma interpretação do uso do SI 35(34),23, consistindo na última confissão cristológica e o seu ponto mais alto no Evangelho. Cabe salientar a existência de uma cristologia que, em um processo ascendente de compreensão e revelação, Jesus vai recebendo títulos que expressam um entendimento crescente sobre Ele até o seu ponto mais alto em Tomé, como se examina nas ocorrências ao longo do IV Evangelho: André o declara como *“Messias”* (1,41); Natanael o designa como *“Filho de Deus e rei de Israel”* (1,49); Nicodemos afirma que Ele é um *“mestre que vem da parte de Deus”* (3,2); para a Samaritana, Ele é o *“Cristo”* (4,29); para os habitantes de Sicar, Jesus é o *“salvador do mundo”* (4,42); para as multidões da Galileia, Ele é o *“profeta”* (6,14); para Marta, *“Cristo, Filho de Deus”* (11,27); e na boca de Tomé, definitivamente, chega-se a expressão *“meu Senhor e meu Deus”* (20,28).

Segundo Champlin (2014, p. 892), no v.28, observa-se: a) certeza da profissão de Tomé com essas palavras; b) a singularidade da exclamação de Tomé não encontrada entre os judeus; c) a referência *“meu Senhor”* possui uma ligação direta com *“meu Deus”*; e d) a possibilidade do idioma grego koiné expressar um vocativo por meio do nominativo. Sobre esta última observação, alguns estudiosos se posicionam de forma convergente e divergente à caracterização da profissão de fé do discípulo consistir em uma afirmação (nominativo) ou uma exclamação (vocativo). Zerwick (1997, p. 31-34), por exemplo, nota que, quanto à forma escrita, o nominativo e o vocativo podem coincidir na maioria dos vocábulos. O nominativo (pendente, absoluto e relação) consiste no sujeito lógico da oração. Ele destaca que no grego clássico, o nominativo com o artigo pode passar-se como vocativo. Contudo, ele chama a atenção para a influência semítica nos textos neotestamentários nos quais a forma hebraica de acrescentar um artigo para expressar um vocativo é o único modo de afirmar uma ação. E isto é reafirmado por Zerwick e Grosvenor (2019, p. 346), que,

em suas análises do v.28, o indicam como um caso de vocativo. De acordo com Pierri (2006, p. 35-47), o vocativo é, algumas vezes, enunciado como uma sentença, caso o vocábulo declarado tenha em si uma ideia completa. Ele cita como exemplo Jo 20,16. Similarmente, informa que tanto o nominativo quanto o vocativo possuem uma alta ocorrência de funcionalidade de intercâmbio. Apesar disto, o vocativo não se enquadra nos elementos constitutivos de uma sentença como o sujeito, o predicado ou os complementos. De forma específica, o vocativo, segundo ele, serve para identificar uma pessoa singular a quem se dirige ou chama a atenção de uma personagem. Ao estudar as funções do vocativo em termos de morfossintaxe e pragmatismo, o autor aponta o seu uso, tendo como objetivo o endereçamento, indicando a participação no diálogo daquela pessoa.

Conforme Wallace (2009, p. 56-58), o nominativo pode ser usado no lugar do vocativo quando tem um sentido ou uso de uma invocação direta, designando um destinatário particular. Por meio de uma análise da estrutura semântica, o gramático divide o vocativo em duas categorias: sem artigo, denominada por ele de *anartho* e com artigo. O vocativo *anartho*, igualmente, dispõe de duas estruturas adicionais: ao utilizar a partícula ω ou sem este elemento. Com esta marca (ω), o uso torna-se mais enfático/emocional. O estudioso, inclusive, cita alguns exemplos de casos do uso do vocativo com artigo no NT: Mc 5,8; Lc 8,54; Jo 19,3; Ef 5,22; Mt 22,46 (2x) e Jo 20,28. No entanto, para Blass e Debrunner (1997, p. 217-218), no caso de um substantivo, o uso do artigo faz com que o nominativo com artigo seja empregado como vocativo quando se torna inferior (vem com apóstrofe na terceira pessoa). Além disso, traduzir um vocativo semítico determinado com um nominativo precedido de artigo no NT, já é percebido também na LXX, não mais limitando o seu emprego devido ao uso comum da tradução para o grego do semítico.

Como se percebe, para os gramáticos, além dos casos e dos usos do nominativo com artigo poder tratar-se de um vocativo, a profissão de Tomé se enquadra nesta situação sintática-morfológica. Em uma discussão discordante, Schnackenburg (1981, p. 550) abre o debate, afirmando que a confissão do discípulo pode ser uma profissão abreviada, isto é, uma afirmação (nominativo) sem os termos “ού *εΙ/tu és*” ou pode consistir em uma exclamação (vocativo), porém que tem uma influência semítica recorrente no NT. Para Brown (2020, p. 1508), a expressão de Tomé combina uma evocação e uma proclamação de fé (tu és meu Senhor e meu Deus), portanto um uso do caso nominativo. Ao analisar o uso do nominativo com

artigo aplicado ao vocativo, Pérez Millos (2019, p. 1789-1790) considera que apesar de um vocativo ser usado para nomear alguém sem uma vinculação concreta, neste caso específico, há um pronome possessivo (pessoal de vinculação) que gera uma conexão; Bruce, porém, é categórico e diz que: “as palavras devem ser vistas como nominativo, não como vocativo. Trata-se de um reconhecimento divino” (BRUCE, 2011, p. 336). Fato é que a confissão de Tomé traduz uma afirmação: “Tu és meu Senhor e Meu Deus” (SAYERS *apud* BRUCE, 2011, p. 336), a qual tem uma ligação estrita e direta com o Prólogo do Evangelho (Jo 1,1: “θεὸς ἦν ὁ λόγος /o Verbo era Deus”; mas é possível encontrar “o mesmo clímax do comentário do centurião no evangelho de Marcos” (BRUCE, 2011, p. 337) “verdadeiramente este homem era Filho de Deus” (Mc 15,39).

Segundo Beasley-Murray, não se trata de um vocativo nem de uma exclamação de louvor, mas de uma “confissão do mais profundo de Tomé” (1999, p. 385-386), sendo a maior confissão sobre Jesus ressuscitado, além de determinar uma proximidade entre o apóstolo e seu Senhor, por meio do pronome possessivo meu. Todavia, em uma percepção contrária de ser um nominativo, Champlin (2014, p. 852) vê ser um vocativo que se dirige a Jesus, e não ao Pai, devido à presença da expressão do evangelista: “ἀπεκρίθη Θωμᾶς καὶ εἶπεν αὐτῷ/*replicou Tomé e disse-lhe*”, sendo um caso de um discurso direto. No que tange à fórmula da confissão de Tomé, o título Senhor está relacionado a Jesus e sua entrada para a glória, tornando-se em um título de Jesus ressuscitado (BEUTLER, 2015, p. 465). Quanto a Deus, há já em Jo 1,1.18 uma relação com o verbo que se encarna ser Deus, tendo a funcionalidade de consistir em uma conclusão e envolver todo o texto do evangelho. Há uma familiaridade entre Tomé e Jesus como ocorrido com Maria Madalena e Jesus: “subo a meu Pai e vosso Pai; a meu Deus e vosso Deus” (Jo 20,17) (MATEOS; BARRETO, 2021, p. 871). Desta forma, retoma o conceito da divindade de Jesus já expresso em “eu e o Pai somos um” (Jo 10,30).

Nos termos da confissão de Tomé, vê-se que, para o discípulo, Jesus é Deus em sua majestade e na sua potência de amor. O aditamento do pronome pessoal “μου/*meu*” é uma nota clara de uma confissão (SCHNACKENBURG, 1981, p. 551), sendo possível ver uma correspondência com o Prólogo do Evangelho: θεὸς ἦν ὁ λόγος (1,1c), pois a falta do artigo “ὁ/ο” antes do termo θεὸς coincide com a ausência dos termos “σύ *ei/tu és*” como em ὁ θεός μου. A ausência do artigo em Jo 1,1c, pode ser uma posição enfática do vocábulo θεὸς, uma relação do Verbo com Deus

(CASALEGNO, 2009, p. 197). Para Schnackenburg (1981, p. 551), os vocábulos atribuídos a Jesus, “Senhor” e “Deus”, ainda não são uma elaboração teológica mais profunda no tocante as naturezas humana e divina de Jesus. O processo de reconhecimento da divindade de Jesus se dá por sua função redentora de ser Filho que é Cristo, ou seja, o Messias enquanto Filho de Deus. O estudioso vê, apesar de poder imaginar uma linguagem com fundo veterotestamentário, neste caso, a confissão sendo derivada da reflexão pessoal do evangelista.

Para Simoens (2002, p. 817), nesta profissão de Tomé, há uma clara ligação veterotestamentária, na menção ao Sl 35(34),23 da LXX. Porém, o evangelista expressa que a verdadeira fé, exigida e verbalizada por Jesus a Tomé, é fruto de uma compreensão messiânica-cristológica (ZEVINI, 1996, p. 228), onde a atitude de crer deve ser manifesta em um confessar na prática para não se distanciar da experiência verdadeira de discipulado, porque somente crer e não confessar com a vida, representa amar mais a glória dos homens do que de Deus (Jo 12,42-43). Além disto, a expressão e profissão de Tomé, “meu Senhor e meu Deus”, não serviu de uma fórmula para combater a aclamação e culto da época ao imperador Domiciano (81-96 d.C.) (BROWN, 2020, p. 1534): “dominus et deus noster/*senhor e nosso deus*”. Segundo Zumstein (2017, p. 950), a profissão de Tomé consiste em uma confissão de fé pós-pascal, captando a verdadeira identidade de Jesus (crucificado-ressuscitado) e uma recapitulação de confissões anteriores de fé ao longo do Evangelho, pois, segundo ele, a expressão “meu Senhor e meu Deus” corresponde a uma tese teológica que é defendida e apresentada no corpo do Evangelho em relação à pessoa de Jesus, onde o porta-voz passa a ser o próprio Tomé. Jesus é Deus porque se revela aos homens: “para credes que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais a vida em seu nome” (Jo 20,31). Segundo Casalegno, para Agostinho, Tomé “via e tocava no homem, mas confessava Deus que não via, nem tocava” (2019, p. 306) e, para Hilário de Poitiers, “Tomé confessou ser Jesus o seu Deus e seu Senhor” (CASALEGNO, 2019, p. 306).

No v.29, há uma pontuação similar que é chamada a atenção por Pérez Millos (2019, p. 1791) por parecer-se com uma sentença interrogativa (pela presença do ponto e vírgula no final da oração no original grego) (OMANSON, 2010, p. 212). Porém, o estudioso indica que a frase deve ser lida e compreendida como uma afirmação de Jesus sobre a fé de Tomé que professou e creu porque viu o Senhor. Tendo presente a afirmação do ressuscitado, a experiência do discípulo é imperfeita,

não pode ser tomada como modelo cristão (MATEOS; BARRETO, 2021, p. 873). O apóstolo não escuta o testemunho dos outros discípulos, não levando em consideração os seus testemunhos e não percebe com isto a nova realidade da ressurreição. Além disso, constata-se um tom de censura de Jesus a Tomé (SCHNACKENBURG, 1981, p. 552), seja porque não admite Jesus tal dúvida entre os seus discípulos, seja porque o evangelista desloca a narrativa, a partir da profissão de fé do discípulo, diferente do ocorrido em Jo 16,31, apesar da utilização do perfeito do verbo πιστευειν exprimir uma fé firme como em outras ocorrências ao longo do próprio Evangelho (Jo 6,69 e 11,27).

A partir desta perspectiva, é que no v.29 surge uma bem-aventurança (μακάριος) como que necessária à vida dos futuros fiéis e discípulos de Jesus. De uma forma até paradoxal, Zumstein diz que “não é a visão do ressuscitado a constituir uma vantagem para a fé, mas sua ausência” (2017, p. 950). É justamente o que ocorre da segunda geração de discípulos até os tempos atuais, ou seja, a Igreja anuncia “a mensagem do evangelho em todo mundo e muitos sem ver fisicamente aceitam a Jesus como Senhor e Deus que em sua natureza humana esteve morto-ressuscitado” (PÉREZ MILLOS, 2019, p. 1791). A partir disto, é perceptível que da constatação de fé de Tomé desponta no Evangelho um *macarismo* para todos os que creem ser ver. Algo interessante é que não fica claro no texto se o discípulo realizou ou não uma experiência sensível de realmente tocar o ressuscitado. O que se percebe, pelo uso dos pronomes, é que, em Jo 20,29, a admoestação, com tom de *macarismo*, está destinada a todos (terceira pessoa do plural), a quantos leiam o Evangelho ou quantos façam parte da experiência de fé de seguir Jesus ressuscitado (SCHNACKENBURG, 1981, p. 553).

O v.29 toca em uma questão bem concreta quando do surgimento e elaboração do texto do evangelho no final do século I d.C.: a morte das testemunhas oculares apostólicas da ressurreição e o encerramento das experiências com as aparições de Jesus ressuscitado. Brown (2020, p. 1516) refere-se a este fato como um problema concreto e teológico para a comunidade primitiva. Daí, este *macarismo* orientar, de forma bem clara e definida, a postura dos discípulos posteriores. Para Simoens, o *macarismo* não exclui ou “desvaloriza o sentido espiritual do ver, mas o valoriza por aquilo que é” (SIMOENS, 2002, p. 818). O fundamento aos que não viram se localiza no próprio *macarismo* em si. O fiel é convidado a avançar ultrapassando a dúvida, a presunção de ver, acolhendo o testemunho da Igreja. Pois, na opinião Zevini, “no

tempo de Jesus, visão e fé estavam unidos, mas no tempo da Igreja basta o testemunho apostólico” (1996, p. 228). Segundo Hendriksen (2014, p. 797), a fé resultante do ver é boa, porém a fé que resulta do escutar, torna-se mais excelente, como pode ser apreciado em outras situações no NT (Mt 8,5-10; Jo 4,48; Rm 10,15; 1Pd 1,8).

A experiência apostólica estava alicerçada em dois elementos: 1) a visão histórica em si que é irrepetível; b) a comunhão de fé com o Senhor na qual é sempre possível, acessível e atual (ZEVINI, 1996, p. 229). Da comunhão de fé com o Senhor, pode também expandir-se à comunhão eucarística de forma experimentável: “se compreenderdes isto e o praticardes, felizes sereis” (Jo 13,17). Isto consiste em um princípio repetido em João: acolhimento e prática do amor como elementos condicionantes da experiência com Jesus (Jo 7,17; 8,31s) (MATEOS; BARRETO, 2021, p. 874). Esta experiência com Jesus é perpetuada na celebração eucarística onde os discípulos se assemelham a Jesus e “recebem a vida definitiva” (6,54). Entende-se, então, o porquê a importância do crer, devido permitir “uma identificação com a pessoa de Jesus” (SIMOENS, 2002, p. 818) ressuscitado na comunidade eclesial. Possivelmente, há uma relação entre *macarismo* e crer, em Jo 20,29,¹¹ assim como em Lc 1,45: “feliz aquela que creu, pois o que lhe foi dito da parte do Senhor será cumprido” (Lc 1,45), no contexto do encontro entre Maria, mãe do Senhor, e Isabel, sua parenta.

Em Jo 10,29, o evangelista instaura um novo grau para a experiência da fé dos seguidores de Jesus. O *macarismo* ganha força no seio da Igreja na medida em que as testemunhas oculares tornam-se raras (morrem). A aparição pós-pascal ganha um novo sentido. Não se compõe como elemento primário de persuasão, no entanto ela é relativizada, passando agora a fé conter seu fundamento verdadeiro na Palavra e na ação do Espírito Santo. Para isto, serve à personificação dos futuros crentes na postura executada de Tomé: “a autêntica fé pascal não depende de um sinal milagroso como uma aparição, mas da proclamação da Palavra sobre a autoridade do Paráclito” (ZUMSTEIN, 2017, p. 952).

Entre as expressões hebraicas no AT que remetem ao termo grego “μακάριος/*feliz/bem-aventurado*” (LXX), encontra o vocábulo אַשְׁרֵי com este sentido,

¹¹ BROWN (2020, p. 1509): *creu/πιστεύσασα* (partc. aoristo, ativo, nominativo) está no mesmo tempo verbal e caso que *cregam/πιστεύσαντες* (partc. aoristo, ativo, nominativo) – significando o aoristo atemporal equivalente ao presente.

como expresse nos SI 1,1; 32,1 e 112,1 (CHAMPLIN, 2014, p. 853), que expressa uma felicidade aos olhos de Deus. Ainda com esta ótica mais no passado, é preciso fazer uma distinção entre o sentido do termo μακάριος (CARSON, 1991, p. 519): feliz não é aquele que obtém a felicidade em condições de um fruto do seu esforço, mas felizes são aqueles que são aceitos por Deus. Neste sentido: “o prosélito é mais caro a Deus que todos os israelitas que estiveram no Monte Sinai; pois este homem não viu chamas nem trovões, nem montanhas tremendo, mas ele vem e se dá assim mesmo a Deus” (CARSON, 1991, p. 519). Gregório Magno afirma que a confissão e fé de Tomé “refere-se a nós, pois não vimos o Senhor em sua humanidade, mas o possuímos em nosso Espírito (...). Quem crê verdadeiramente manifesta por meio de suas ações a fé que professa” (GREGÓRIO MAGNO, 1857, p. 1201-1202).

No Evangelho de João, é preciso ressaltar duas características peculiares do *macartismo* (BEUTLER, 2015, p. 463): ora são os que realizam aquilo que Jesus estabelece (Jo 13,17); ora são aqueles que acolhem o anúncio pascal sem ter visto (20,29). Todavia, em ambos os Testamentos, o *macarismo* está ligado à fidelidade a Deus (CASALEGNO, 2013, p. 109): quem teme o Senhor (SI 112,1); quem anda na Lei do Senhor (SI 119,1); quem procura a sabedoria (Pr 8,34); quem tem fome e sede de justiça (Mt 5,6); e quem não se escandaliza por causa de Jesus (Lc 7,23). Contudo, em João, de forma específica, a bem-aventurança é consequência da fé. Por isto, “o crer relativiza o ver e o inclui” (CASALEGNO, 2013, p. 109).

No IV Evangelho, as relações entre ver e crer, de uma certa forma, estão imbricadas no v.29. Ao longo do escrito joanino foi realizado uma gama de sinais e prodígios de Jesus, e eles serviram para levar os discípulos e as multidões a crer n’Ele (Jo 2,11.23; 10, 41-42; 11,42), apesar de seus constantes alertas (4,48; 6,26). Dentro desta relação, o crer é explorado em alguns relatos onde o discípulo amado creu depois de ver os lençóis mortuários sem ter visto Jesus (BROWN, 2020, p. 1532); Maria Madalena viu, porém não o reconheceu a não ser que seu nome fosse chamado pelo Senhor; os discípulos viram e creram; Tomé vê e crê depois das condições impostas por ele. No apócrifo Epístola dos Apóstolos 11-12 (PROENÇA, 2005, p. 683), do século II d.C., porém, lê-se que o ver dos discípulos é extremamente importante para crer: destaca que Pedro toca nas marcas dos pregos nas mãos e Tomé, por sua vez, toca no lado ferido pela lança, distanciando da proposta joanina. Por fim, no vocabulário joanino, entre as relações de ver e crer, há uma compreensão crescente a respeito de Jesus: visão genérica do túmulo (Jo 20,1.5); observação específica (Jo

20,6); compreensão clara (Jo 20,8); observação atenta (Jo 20,12.14); reconhecimento do próprio Jesus (Jo 20,18); compreensão limitada do evento pascal (Jo 20,20); inteligência plena (Jo 20,25) e o reconhecimento completo, penetrante e profundo do ressuscitado (20,28) (CASALEGNO, 2013, p. 151).

Considerações Finais

A partir das narrativas pascais referidas à descoberta dos discípulos do sepulcro vazio e de aparições do ressuscitado, dentre outras confissões de fé presentes no IV Evangelho, o presente estudo selecionou e trabalhou um relato pontual das aparições do ressuscitado. Neste contexto, teve-se presente a confissão de fé de Tomé (Jo 20,28), dentro do bloco temático da ressurreição do Senhor (Jo 20,1-31), e sua base veterotestamentária de Sl 35(34),23, pautando-se por vários passos metodológicos e auxiliado por ferramentas e autores diversos.

Após a segmentação e a tradução da perícopre escolhida, da análise da crítica textual, dos verbos e dos seus movimentos, tanto nos âmbitos semânticos e morfológicos, como também junto aos elementos retóricos, da estrutura da perícopre Jo 20,24-29 e de sua análise bíblico-teológica, constatou-se que realmente o texto contém uma grande e importante profissão de fé de Tomé acerca de Jesus ressuscitado. Foram analisados vários estudiosos e a maioria converge quanto à divisão interna da perícopre (Jo 20,24-29), com uma coesão própria: a) vv.24-25; b) vv.26-28; e c) v.29. Nela, deu-se destaque à profissão de fé de Tomé (v.28), propriamente dita, que, remete diretamente a uma passagem veterotestamentária. A partir da análise de alguns salmos: 30(29),3; 86(85), 2b; 88(87),2 e 35(34),23, destacou-se o último como sendo a fonte do AT para a profissão de Tomé.

Foram examinadas, igualmente, várias contribuições de teólogos sobre as relações da perícopre Jo 20,24-29 com o Sl 35(34),23, realçando o fato de o AT (Sl 35(34),23) ter sido usado no NT (Jo 20,28). Constatou-se que na profissão de Tomé encontra-se uma reprodução dos termos a partir da versão da LXX, traduzindo uma invocação do Sl 33(34),23. Viu-se também outros indícios das formas adotadas do uso do Sl 35(34),23 em Jo 20,24-29 que possuem um cumprimento tipológico, fazendo corresponder o uso do termo “Senhor” a “Deus”, no AT, a Jesus ressuscitado, iluminando a história da salvação realizado por Cristo e funcionando como uma clara associação analógica de um salmo que baliza o desenvolvimento teológico no IV Evangelho como um todo e de forma específica na perícopre em questão.

Compreendeu-se que, similarmente, em todo o capítulo 20 de João, mas sobretudo na perícopes Jo 20,24-29, houve um esquema tripartite das aparições de Jesus: 1) iniciativa radical de Jesus; 2) reconhecimento daquele que se torna presente; e 3) missão confiada aos discípulos. Observou-se que a profissão de fé, contida no v.28, é uma interpretação do uso daquele presente no Sl 35(34),23, consistindo na última confissão cristológica e seu ponto mais alto no IV Evangelho. Cabe salientar, também, a existência de uma cristologia que se comporta em um processo ascendente de compreensão e revelação em todo Jo 20, em que Jesus, recebendo títulos que expressam um entendimento crescente sobre Ele, chegando a seu ponto mais alto na expressão de Tomé: “meu Senhor e meu Deus” (v.28).

Deparou-se com a caracterização da profissão de fé do discípulo equivaler a uma afirmação (nominativo) e/ou uma exclamação (vocativo). Seguindo as contribuições de alguns gramáticos, destacou-se que no grego clássico, o nominativo com o artigo pode equivaler-se ao vocativo. Dentre os exemplos de casos do uso do vocativo com artigo no NT, são citados: Mc 5,8; Lc 8,54; Jo 19,3; Ef 5,22; Mt 22,46 e Jo 20,28, inclusive. Por outro lado, viu-se, similarmente, que os comentadores abrem o debate contrapondo tal constatação gramatical rígida dando ênfase ao aspecto teológico, como: a confissão do discípulo teria sido uma profissão abreviada – uma afirmação (nominativo) sem os termos “*οὐ εἰ/tu és*” ou consistindo em uma exclamação – (vocativo) por influência semítica recorrente no NT; a expressão de Tomé teria combinado uma evocação e uma proclamação de fé (caso nominativo); apesar de um vocativo ser usado, há um pronome possessivo (pessoal de vinculação); ainda, trata-se da confissão maior e mais profunda de Tomé sobre Jesus ressuscitado.

Enfim, identificou-se que há uma relação clara com o Prólogo do Evangelho, tendo um processo compreensível de reconhecimento da divindade de Jesus que se deu por sua função redentora de ser Filho que é Cristo, ou seja, o Messias enquanto Filho de Deus. A profissão de Tomé consistiu em uma confissão de fé pós-pascal que captou a verdadeira identidade de Jesus (crucificado-ressuscitado) e em uma recapitulação de confissões anteriores de fé ao longo do Evangelho de João. A expressão, “*ὁ κύριός μου καὶ ὁ θεός μου/meu Senhor e meu Deus*” (Jo 20,28), corresponde a uma tese teológica, defendida e apresentada ao longo do Evangelho à pessoa de Jesus, em que o porta-voz é o próprio Tomé. Assim, Jesus, verdadeiramente Deus, revelou-se aos homens, conforme está disposto no término

do capítulo 20: “para credes que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais a vida em seu nome” (v.31).

Referências

- BEALE, G. K. **Manual do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento.** Exegese e Interpretação. São Paulo: Vida Nova, 2013.
- BEASLEY-MURRAY, G. R. **John.** World Biblical Commentary. Vol. 36. Revised Edition. Michigan (Usa): Zondervan, 1999.
- BEUTLER, J. **Evangelho segundo João:** comentário. Coleção Bíblica Loyola, n. 70. São Paulo: Loyola, 2015.
- BLASS, F.; DEBRUNNER, A. **Grammatica del Greco del Nuovo Testamento.** Introduzione allo Studio della Bibbia. Supplementi 2. Brescia (Italia): Paideia Editrice, 1997.
- BOISMARD, M.-É.; LAMOUILLE, A. **L'évangile de Jean.** Synopse des Quatre Évangiles en Français, Tome III, Paris (France): Les Éditions du Cerf, 1987.
- BORING, M. E. **Introdução ao Novo Testamento: história, literatura, teologia.** Vol. 2. Carta Católicas, Sinóticos e Escritos Joanino. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2015.
- BROWN, R. E. **A Comunidade do Discípulo Amado.** São Paulo: Paulus, 1999.
- BROWN, R. E. **Comentário ao Evangelho segundo João.** Vol. 2 (13-21). Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2020.
- BRUCE, F. F. **João.** Introdução e Comentário. Série Cultura Bíblica. São Paulo: Vida Nova, 2011.
- CARSON, D. A. **The Gospel according to John.** Pillar New Testament Commentary. Grand Rapids (Michigan-Usa): WM. B. Eerdmans Publishing Company e Leicester (England): Apollos, 1991.
- CASALEGNO, A. **Para que contemplem a minha glória (Jo 17,24):** Introdução à teologia do Evangelho de João. Coleção Bíblica Loyola, Vol. 57. São Paulo: Loyola, 2009.
- CASALEGNO, A. **“É o Senhor!” (Jo 21,7):** Estudo dos relatos da ressurreição no Evangelho de João. Coleção Bíblica Loyola, Vol. 66. São Paulo: Loyola, 2013.
- CASALEGNO, A. **Evangelho na Interpretação dos Padres da Igreja e dos Teólogos Medievais.** Florilégio de Clemente Romano a Tomás de Aquino. Coleção Bíblica Loyola, Vol. 76. São Paulo: Loyola, 2019.
- CHAMPLIN, R. N. **Lucas, João.** O Novo Testamento Interpretado: versículo por versículo: Vol. 2: São Paulo: Hagnos, 2014.
- DUFOUR, X. L. **Leitura do Evangelho Segundo João IV** (capítulos 18-21). Coleção Bíblica Loyola, n.16. São Paulo: Loyola, 1998.
- ELLIGER, K.; RUDOLPH, W. (Eds.). **Biblia Hebraica Stuttgartensia.** 5. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.

EUSÉBIO DE CESAREA. **Historia Eclesiástica** (texto bilingüe). Texto, versión española, introducción y notas. (Argimiro Velasco-Delgado). Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2008.

GONZAGA, W. A Sagrada Escritura, a alma da Sagrada Teologia. In: MAZZAROLLO, I; FERNANDES, L. A.; CORRÊA LIMA, M. L., **Exegese, Teologia e Pastoral, relações, tensões e desafios**. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Santo André: Academia Cristã, 2015, p. 201-235.

GONZAGA, W. A acolhida e o lugar do *Corpus Joânico* no Cânon do Novo Testamento. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v. 52, n. 3 (2020), p. 681-704

GONZAGA, W. O Salmo 150 à luz da Análise Retórica Bíblica Semítica. **ReBiblica** 1/2, p. 155-170, 2018.

GONZAGA, W. **Compêndio do Cânon Bíblico**. Listas bilíngues dos Catálogos Bíblicos: Antigo Testamento, Novo Testamento e Apócrifos. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: PUC-Rio 2019.

GREGÓRIO MAGNO. Homilia Gregório Magno XXV,7-9. In: J.P. Migne. **Patrologia, series Latina**. Vol. LXXVI, Tomus II. Paris: Petit-Montrouge, 1857, p. 1201-1202.

HAENCHEN, E. **John 2**. A Commentary on the Gospel of John Chapters 7-21. Hermeneia – A Critical and Historical Commentary on the Bible. Philadelphia (USA): Fortress Press, 1984.

HENDRIKSEN, W. **João**. Comentário do Novo Testamento. 2ª. Ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2014.

JOÃO CRISÓSTOMO. Homilia João Crisóstomo LXXXVII,1. Livro LIX. In: J.P. Migne. **Patrologia, series Grega**, Tomus VIII, Paris: Petit-Montrouge, 1882, p. 471-476.

KÖSTERNBERGER, A. J. João. In: BEALE, G. K.; CARSON, D. A. (orgs) **Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2014, pp. 521-642.

MAGGIONI, B. **I Quattro Vangeli**. Nuovo testo CEI e commenti. Vicenza (Itália): ISG Edizioni, 2009.

MARCHESELLI, M. **Il Quarto Vangelo**. La Testimonianza del “Discepolo che Gesù Amava”. Commenti Sparsi Liberamente Scelti da Aldo Peri. Reggio Emilia (Italia): Edizione San Lorenzo, 2021.

MARGUERAT, D. (org.). **Novo Testamento: história, escritura e teologia**. São Paulo: Loyola, 2009.

MATEOS, J.; BARRETO, J. **O Evangelho de São João: Análise Linguística e Comentário Exegético**. Coleção Grande Comentário Bíblico. 2ed. São Paulo: Paulus, 2021.

METZGER, B. M. **A Textual Commentary on the Greek New Testament**. 2ª Ed. USA: ABS, 1998.

MEYNET, R. **L’Analisi Retorica**. Brescia (Itália): Editrice Queriniana, 1992.

NESTLE-ALAND. **Novum Testamentum Graece**. Ed. XXVIII. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.

- OMANSON, R. L. **Variantes Textuais do Novo Testamento**. Análise e Avaliação do Aparato Crítico de “O Novo Testamento Grego”. Barueri: SBB, 2010.
- ORLANDO, L. **Giovanni – Il Vangelo della Vita**. Bari (Italia): Ecumenica Editrice Scrl.: 2022.
- PÉREZ MILLOS, S. **Juan**. Comentario Exegético al Texto Griego del Nuevo Testamento. Barcelona: Editora CLIE, 2019.
- PERKINS, P., Evangelho segundo João. In: BROWN, R. E.; FITZMEYER, J. A.; MURPHY, R. E. (orgs.). **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e Artigos Sistemáticos**. São Paulo: Paulus, 2018, p. 731-834.
- PIERRI, R. **Grammatica Intellectio Scripturae**. Saggi Filologici di Greco Biblico in Onore di Lino Cignelli, ofm. Serie Studium Biblicum Franciscanum – Anacleto. Jerusalem: Francisca Printing Press, 2006.
- PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. **A Interpretação da Bíblia na Igreja**. 5ª. reimpressão, São Paulo: Paulinas, 2016.
- PROENÇA, E. de (org.). **Apócrifos e Pseudo-epígrafos da Bíblia**. São Paulo: Fonte, 2005.
- RAHLFS, A.; HANHART, R. (eds.). **Septuaginta**. Editio Altera. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft. 2006.
- RAMOS, F. F. Evangelho Segundo São João. In: GUIJARRO OPORTO, S.; SALVADOR GARCÍA, M. (orgs.). **Comentário ao Novo Testamento**. Vol. 3. São Paulo: Ave-Maria, 2006, p.259-335.
- SCHNACKENBURG, R. **Il Vangelo di Giovanni**. Commentario Teologico del Nuovo Testamento. Parte terza. Brescia (Itália): Paideia, 1981.
- SCHNACKENBURG, R. **Jesus Cristo nos Quatro Evangelhos**. Coleção Theologia Publica 2. São Leopoldo (RS): Unisinos, 2001.
- SIMOENS, Y. **Secondo Giovanni**. Una Traduzione e Un’interpretazione. Bologna (Italia): Centro Editoriale Dehoniano, 2002.
- TUÑI VANCELLS, J. O. **O Testemunho do Evangelho de João**. Introdução ao Estudo do Quarto Evangelho. Petrópolis (RJ): Vozes, 1989.
- VAN TILBORG, S. **Comentario al Evangelio de Juan**. Colección Evangelio y Cultura. 3ª. Reimpresión. Navarra (España): Verbo Divino, 2014.
- WALLACE, D. B. **Gramática Grega: uma sintaxe exegética do Novo Testamento**. São Paulo: Editora Batista Regular do Brasil, 2009.
- ZERWICK, M. **El Griego del Nuevo Testamento**. Série Instrumentos de Trabajo II para el Estudio de La Biblia. Navarra (España): Verbo Divino, 1997.
- ZERWICK, M.; GROSVENOR, M. **A Grammatical Analysis of the Greek New Testament**. Subsidia Biblica, Vol. 39, Roma: Gregorian & Biblical Press, 2019.
- ZEVINI, G. **Evangelho segundo João**. Vol. II. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1996.
- ZUMSTEIN, J. **Il Vangelo secondo Giovanni**. Vol. 2. Torino (Itália): Claudiana, 2017.